

Penedono e seu Concelho

Penedono, outrora Pena do Dono, é sede do Concelho homónimo, situado a nordeste do Distrito de Viseu e praticamente equidistante das cidades da Guarda, Lamego e da sua Capital Administrativa, à qual se encontra ligada, desde sempre, por fortes laços económicos, académicos, culturais e afetivos.

Celebrada como uma das mais belas vilas de Portugal, assim como o seu airoso e esbelto castelo pentagonal (ou hexagonal imperfeito?), erigido em data bem anterior ao dealbar da Nacionalidade, o é entre os seus pares, mantém inalterado o perfil medievo do seu centro histórico, já que as obras de restauro e edificações ulteriores, incluindo as mais recentes, têm, como ponto de honra, respeitar escrupulosamente o traço arquitetónico e o material granítico da região, nele se integrando de forma coerente e harmoniosa.

Para além do seu altivo pelourinho de gaiola, fronteiro ao Castelo, com a qual delinea uma perspetiva estética de rara elegância, Penedono exhibe, ainda, um património de atrativos múltiplos, consignado nas suas seculares igrejas e capelas, recheadas de arte sacra nas suas expressões plásticas e de paramentaria, a que se junta o austero e majestoso Solar dos Freixos, há poucos anos recuperado para acolher, condigna e funcionalmente, os Paços do Concelho e outros serviços da administração pública central e local.

Rezam a tradição e as crónicas que, aqui, teve berço Álvaro Gonçalves Coutinho, o insigne "Magriço", passado à imortalidade por Camões no canto VI dos "Lusíadas", quando o vate descreve e enaltece, ao ritmo épico dos decassílabos, o seu protagonismo exemplar de valentia e cavalheirismo na façanha, ímpar, cometida à frente dos denominados "Doze de Inglaterra", em chãos estranhos e longínquos da loira Albion. E os seus feitos, misto de galanteria e bravura, reconhecidos e aclamados até pela nata da nobreza europeia coeva, tiveram continuidade na Flandres e reconfirmação no país natal, realçando mais e mais o vinco da sua personalidade, que saltou da História para a lenda e desta para o mito.

Sobre a presença do Homem nestas paragens, pedregosas e frias, desde os primórdios da nossa Civilização, mais e melhor que os muito ulteriores forais, que sucessivos reis ourtorgaram ou confirmaram a Penela, Penedono e Souto, falam as pegadas da sua errância ou os vestígios da sua permanência ou passamento, as penedias, a escrita do cinzel, a toponímia, o artesanato e sobretudo o carácter miscegenado, mas inteiro, dos seus naturais, com os quais o visitante não pode

esquivar-se ao diálogo e, descodificando o contributo de toda esta gama de interlocutores, enriquecer a sua base de conhecimento, questionar e procurar respostas sobre a genuína cultura da nossa ascendência primeva.

Aqui se fixou o "Homo sapiens" do megalítico, como o atestam o dólmen sobre o qual a Cristandade, muitos milénios depois, fez erigir a Capela da Senhora do Monte, hoje em ruínas, e os demais espécimes similares entretanto identificados e agrupados na estação arqueológica do mesmo nome, iniciada no termo de Penela, mas alargando-se, já, até ao de Castaíngo, e as diversas antas da paróquia que, nas encostas da Serra do Sirigo, delas herdou o nome baptismal.

Ao partir à descoberta do Concelho, muito provavelmente não virá a deparar com ânforas de barro cheias de moedas reluzentes, mas tesouros outros o esperam e não sendo fundamentalmente granítico, Penedono detém uma zona xistosa e ainda outra constituída por terras de aluvião, bordejando as linhas de água, o que condiciona e explica a heterogeneidade da sua vegetação e a fauna que povoam as suas leiras, olgas, courelas, poisados e os próprios baldios.

Encontrará, assim, espécies vegetais que vão da batata ao castanheiro, do centeio às oliveiras e amendoeiras, da videira às pomóideas, do carvalho ao pinheiro e à noqueira, da cerdeira aos tão apreciados míscaros, sejam eles "pachancas" ou "gasalhos".

Penedono é realmente um concelho-mosaico ou, talvez melhor, um espaço-síntese. Posiciona-se onde "a Beira acaba e o Douro começa". As aquilianas Terras-do-Demo, a seguir a uma piscadela de olho a Luiz de Veiga Leitão e outra a José Augusto Seabra, espreitam, além Douro, como que embaladas ao som de acordes arrancados ao piano por Sequeira Costa, os domínios de Torga, Araújo Correia, Junqueiro e Trindade Coelho.

Aqui vem cear e pernoitar o frio que, partido da Estrela, almoçou e jantou pelo caminho. As estradas, nacionais ou municipais, conduzem aos quatro ventos do País e do Continente. A terra fria confraterniza com um micro-clima de solos quentes. A neve e o sincelo, de Inverno, revezam-se, chegada a hora, com a canícula, tantas vezes, de "inferno". E as domesticadas vacas, cabras e ovelhas apascentam-se quase ao lado do coelho, da lebre, da perdiz e até do "reco-bravo", da raposa, do texugo, ou do lobo.

Percorra calma e atentamente o seu território, que o tempo despendido trar-lhe-á sempre mais-valia. Aqui detê-lo-á uma igreja ou uma capelinha, talvez com ex-votos expostos, adiante um pelourinho, um cruzeiro ou umas alminhas, uma torre de relógio, mós guardando as portas de azenhas desactivadas, quiçá uma inscrição rupestre, um castro ou um menir, um esquecido brasão, estações de passos e água cantarolando nos côrregos e nas bicas das fontes ou, então, reflectindo o voo de um bando de pássaros numa barragem de rega, ou num açude destinado à captação de água potável.

Sorva, em êxtase, este ar despoluído, relaxe os sentidos no silêncio do vazio e na profundidade dos horizontes que se estendem por léguas e léguas ao redor dos miradouros, convencionais ou de ocasião, desfrute as paisagens únicas que guardará para todo o sempre, mire bem as pedras, decifre-lhes a linhagem dos líquenes, afague-lhes os musgos, perscrute-lhes os seus muitos segredos.

Terras na maioria de minifúndio, sem apreciável aptidão agrícola, subsolo de expectativas ciclicamente adiadas (a própria exploração do volfrâmio, nos idos da II Guerra Mundial, e quase toda a céu aberto, não passou de um "fogo-fátuo" na animação económica do Concelho), indústria só agora a dar os primeiros passos, determinaram, com o rigor climático, as drenagens migratórias com um início porventura tão velho como a conquista dos novos mundos pelas caravelas pátrias, e consumadas, não raras vezes, após incursões exploratórias nas rogas para os trabalhos agrícolas, em terras durienses, ligadas aos ciclos do vinho, do azeite e até do pão, quando, não mesmo, dirigidas a Sul, à beira-Tejo.

E em todas as freguesias, da Póvoa à Beselga, do Ourozinho a Castainço, das Antas à Granja ou Souto, de Penedono a Penela, em especial aqui, analise os sinais exteriores desse êxodo de curta ou longa data.

Vistasas moradias de estilos datados, algumas já do século passado, alinhadas com outras de figurino rústico tradicional ou contemporâneo, vêem-se, em regra, por toda a parte, identificando até os destinos e o corte temporal da emigração: do Brasil à África, da França ao Reino Unido, da Suíça à Alemanha e Luxemburgo, de Lisboa ao Porto.

Uma constante, porém. As vias desimpedidas, sempre, para a visita curta de férias ou o regresso definitivo às raízes, decidida mediante o voto conjunto da segunda geração e mesmo da terceira.

Apesar desta sangria laboral, Penedono não pára no tempo. A agricultura do centeio, do milho e da batata sofre a metamorfose que leva ao pomar bem estruturado e dimensionado e à florestação, e o pinheiro, até há pouco dominante, cansado dos maus tratos dos incêndios, dá lugar a vastas manchas de árvores mais pirorresistentes, em especial o castanheiro, cujos frutos reivindicam, em terras lusas, o primado da excelência. E da videira ajustam-se castas e métodos de cultivo, ficando, a jusante, a vinificação e comercialização entregues à Cooperativa da região demarcada.

A indústria aguarda a sua implantação decisiva para a conquista de pequenos nichos, ou da fatia de sobrevivência e crescimento no competitivo mercado mundial, tão exigente nos padrões de qualidade e adequação à procura como nas técnicas de penetração, mas sempre bem-vindas, desde que benigno o impacte da sua laboração no ambiente local e global.

Com todas as freguesias dotadas de saneamento básico, electrificação e fornecimento domiciliário de água, recolha diária de lixo, vias de comunicação em melhoria permanente, ensino infantil e básico, com continuação até ao terceiro ciclo em nórdicos e modelares instalações na sede do Concelho - onde se situam também o Centro de Saúde, Casa do Povo, Biblioteca, Museu e Mercado Municipais, Pavilhão Desportivo Polivalente, um Centro de Dia e Lar da Terceira Idade a juntar aos de Penela - Penedono prepara-se, a ritmo acelerado, para vencer o desafio do futuro europeu, sem descuidar a preservação e valorização do seu rico património arqueológico, histórico, social, paisagístico, etnográfico, folclórico e gastronómico. Numa palavra, a sua identidade.

O Cine-forum, aberto ao público praticamente em cima do primeiro centenário do advento do cinema, será o palco privilegiado para a demonstração dos valores culturais que personalizam o Município (e de que o Rancho Folclórico de Penedono e o Grupo de Cantares "O Sincelo" são os seus lídimos representantes), e, franqueado ao mundo, o traço-de-união entre o passado ilustre e a justificada esperança no porvir.

Em suma, o curriculum e a modernidade do Concelho de Penedono de mãos dadas para o bem-estar e prosperidade da sua população, esta, de braços bem abertos para receber, de forma hospitaleira e cordial, todos aqueles que vierem por bem.

Texto de Rui Ferreira Bastos